

ARTIGOS

A DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA EM PALAVRAS...

Maria Regina de Carvalho Teixeira de Oliveira
Regina Magna Bonifácio de Araujo

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a docência universitária a partir de expressões e tipificações feitas pelos próprios professores universitários, em vários momentos de sua carreira, colhidas em uma pesquisa. Usando a metodologia quantitativa e qualitativa, a pesquisa de campo teve como instrumento um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicado a 86 pesquisados, divididos em quatro grupos: entrantes (mestrandos e doutorandos); professores com cinco anos de experiência; professores com vinte anos de carreira; professores com trinta anos de atividade docente. As descrições das atividades docentes e dos perfis feitas por esses diferentes grupos revelaram variações significativas de percepção sobre a profissão docente universitária e sobre o perfil desse profissional. Conclui-se que as identidades profissionais e as carreiras dos docentes universitários são construídas e reconstruídas de maneira dinâmica, passando por mudanças nos últimos trinta anos. As expressões e terminologias utilizadas pelos participantes revelam uma confusão entre o que o professor universitário é e o que ele faz, dificultando uma caracterização ou identidade profissional. Percebe-se uma forte influência da formação específica na graduação e uma presença de aspectos técnicos e relacionais definindo a atuação, mas pouca ênfase na preparação ou na formação essencial pedagógica das pessoas que desempenham essa atividade. Conclui-se também que, na carreira docente, deve ser dada atenção especial aos processos de acesso, de profissionalização, de suporte para o desenvolvimento e de avaliação do trabalho do docente. Visa-se com isso melhorar a qualidade da formação de novos profissionais, a atuação do docente no magistério, na pesquisa e na extensão, e a própria universidade como preparadora de cidadãos e de competências para o atual mercado de trabalho competitivo e mutável.

PALAVRAS-CHAVE Identidade profissional; carreira; docência no ensino superior.

University teaching in words...

Abstract: This article aims to analyze university teaching from expressions and typifications made by university professors themselves in various occasions in their careers, collected in a survey. Using quantitative and qualitative methodology, field research utilized a questionnaire with open and closed questions, answered by four groups of 86 surveyed: incoming masters and doctoral students; teachers with five years of experience; teachers with a twenty-year career, and teachers with thirty years of teaching activity. The descriptions of teaching activities and of profiles made by these different groups revealed significant variations in perceptions of the university teaching profession and of the profile of such professional. It is concluded that the professional identities and careers of academics are constructed and reconstructed in a dynamic way, having undergone changes in the last thirty years. The terms and terminologies used by participants reveal some confusion between what the professor is and what he does, making it difficult to make a professional characterization or identity. A strong influence of specific academic education in undergraduate courses and the presence of technical and relational aspects defining the performance were indicated, but little emphasis on essential teaching preparation or education of persons conducting such activity. We also concluded that in the teaching career it should be given special attention to the processes of access, professionalisation, support for the development and evaluation of the work of teachers. The aim is thereby to improve the quality of the education of new professionals, the performance of professors in their teaching, in research and in extension, and to improve the university itself as preparer of citizens and skills for the current, competitive and changeable work market.

Keywords: Professional identity; career; teaching in Higher Education.

INTRODUÇÃO

A identidade profissional é entendida, analiticamente, como identidade ligada à atuação profissional, relacionada à perspectiva de autoconhecimento e que leva a escolhas e especializações na formação e no desempenho profissionais. Nesta pesquisa, a identidade profissional é entendida como aquela vinculada ao trabalho e, principalmente, a uma projeção de si no futuro, isto é, à antecipação de uma trajetória de emprego e a uma perspectiva de aprendizagem, na elaboração da formação escolar (DUBAR, 2005). As escolhas na vida do indivíduo são subjetivas e a sua sequência traça uma dinâmica que é refletida nos desenhos de trajetórias de carreira (DAVEL; MACHADO, 2001).

Ao construir suas trajetórias, as pessoas hoje não guiam suas escolhas profissionais por padrões estabelecidos antecipadamente. Muitas vezes, prevalecem as oportunidades surgidas. Nessas trajetórias, as identificações do indivíduo com seu trabalho assumem novos rumos (MOTTA, 2006).

A carreira do docente do ensino superior vem sendo sistematizada entre definições da lei e reivindicações da classe. Nesse processo, durante certo tempo, o docente do ensino superior era um profissional quase sempre com dedicação exclusiva. Ele ingressava na atividade com a intenção de ser um professor universitário de determinada instituição, na qual fazia toda a sua carreira.

Os profissionais vivenciam muitas mudanças durante sua trajetória profissional. Entre as alterações na carreira de docente do ensino superior estão as transições do perfil de professor, com demandas pedagógicas, para um perfil de pesquisador, com exigências de publicações. Essas mudanças trazem consequências para as identidades profissionais.

Este artigo, extraído dos estudos de doutoramento de uma das autoras, apresenta uma pesquisa para a qual se escolheu a perspectiva do construtivismo social (BERGER; LUCKMAN, 1996). Seu objetivo é dar sentido ou interpretar significados que as pessoas têm e dão para o mundo, e especificamente nesse caso, para o mundo do trabalho docente universitário.

Tomando como referência quatro momentos diferentes da trajetória da carreira docente universitária: entrantes (mestrandos e doutorandos) com cinco anos de trabalho, com vinte anos e com trinta anos, extraíram-se, dos dados encontrados nesta pesquisa, palavras e expressões significativas na definição da docência, e na visão dos participantes. A partir delas, organizaram-se as temáticas e em seguida, as análises.

Na carreira docente universitária, têm-se duas frentes de investimentos: a construção legal e estatutária e os aspectos de preparação didático-pedagógicos. O professor universitário necessita de sólidos conhecimentos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. "O ensino de didática tem sido bem aceito nos ensinos básico e médio, mas não no superior; a maioria das críticas em relação aos professores refere-se à falta de didática" (GIL, 2006, p. 2).

Como os critérios de avaliação dos docentes mudaram e passaram a ser guiados pelos órgãos de fomento à pesquisa, para os professores universitários a prioridade hoje é a produção escrita. Com muita intensidade, discute-se atualmente sobre o que fazer para tornar mais eficaz o ensino proporcionado pelas instituições de ensino superior e sobre a preparação dos professores universitários que deve ocorrer,

principalmente em cursos de Pós-graduação. Mas, em sentido estrito, esses cursos visam a preparar pesquisadores (GIL, 2006).

A literatura pesquisada sobre docência do ensino superior discute a atividade tendo como base os componentes didático-pedagógicos que envolvem questões concernentes ao ensino, à pesquisa e à extensão, às características individuais ligadas ao comportamento, às relações, à ética e aos valores sócio-históricos-culturais, políticos e econômicos da carreira.

CARREIRA E CARREIRA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

Na história do ensino superior no Brasil, observa-se o foco na formação de profissionais para o mercado de trabalho, mesmo em universidades que cultivam a pesquisa. As mudanças observadas no século XX voltam-se para quatro aspectos: processo de ensino, incentivo à pesquisa, parceria e coparticipação envolvendo professor e aluno no processo de aprendizagem e o perfil docente (MASETTO, 2003).

Deixa-se uma postura de transmissão de informações e experiências e, aos poucos, inicia-se um processo que busca proporcionar aprendizagem aos alunos, melhorar a capacidade de pensar as relações professor-aluno, de dar significado ao que é estudado e de desenvolver a capacidade de construir seu próprio conhecimento. A ênfase atual é no aluno que busca nos cursos superiores desenvolver competências e habilidades esperadas de um profissional da área do curso escolhido.

Com as mudanças citadas, o perfil do professor teve que se alterar de “especialista” para “mediador de aprendizagem”. Ele é exigido em pesquisa e produção de conhecimento, atualização e especialização. O aluno exige coerência entre o que o professor ministra em sala de aula e sua área de pesquisa. Mudou o cenário de ensino, e o papel do professor mudou de um especialista que ensina para um profissional da aprendizagem que incentiva, funcionando como ponte entre o aprendiz e a sua aprendizagem.

A didática do ensino superior não pode ser tratada apenas a partir de procedimentos voltados para facilitar a aprendizagem dos estudantes. Segundo Gil (2006), as principais dificuldades com as quais se deparam os professores de ensino superior não dizem respeito especificamente à formulação de objetivos, à seleção de conteúdos, à determinação das estratégias de ensino ou a procedimentos a serem adotados na avaliação de ensino. Elas se referem mais a maneira como os professores se relacionam com os estudantes, com seus colegas, com a instituição e com a própria disciplina que lecionam.

No caso do professor universitário, muitos trabalham em tempo apenas parcial, desenvolvendo outra atividade, vista em muitos casos como a principal, pelo menos em termos de dedicação e rendimentos. Ao pensarem em um código de ética, a primeira imagem que lhes vem à mente é da sua outra profissão (GIL, 2006).

No que tange ao ensino da disciplina, o principal cuidado que o professor deve ter prende-se à necessidade de assegurar-se de que o conteúdo da disciplina que ministra esteja atualizado, seja significativo para os estudantes, compatível com o seu nível e ajustado aos propósitos do curso. É importante que o professor tenha competência pedagógica e saiba formular objetivos apropriados e dominar métodos e técnicas de ensino, escolhendo os mais adequados, e que desenvolva suas atividades considerando a diversidade crescente dos estudantes. Essas são ações difíceis, especialmente para professores que

não obtiveram formação pedagógica e que devem, portanto, buscar suprir essas deficiências mediante a leitura de obras especializadas e a participação em conferências ou cursos (GIL, 2006).

Confirmando a posição de vários autores mencionados, um dos papéis do docente de ensino superior é coordenar o aprendizado de conteúdos, mas o seu papel de formador, de educador, seu compromisso com as pessoas, é, muitas vezes, o que fica mais forte na lembrança dos alunos.

O desenvolvimento da atividade docente universitária apresenta aspectos comportamentais e de valores essenciais para uma boa avaliação profissional, os quais estão diretamente relacionados com a identidade profissional.

A IDENTIDADE PROFISSIONAL

A identidade do trabalho ou identidade profissional refere-se a construção do eu pela experiência do mundo do trabalho e pela articulação dos papéis disponíveis nas organizações. Envolve a experiência da estratificação social, das discriminações étnicas e sexuais e as desigualdades de acesso às diferentes carreiras profissionais. Segundo Sainsaulieu (1985), para que aconteça a construção biográfica de uma identidade profissional é necessário que os indivíduos entrem em relações de trabalho, participem de atividades coletivas em organizações e façam intervenções, pois funcionam como atores em “representações” (as rotinas de trabalho). Dadas essas condições, o autor define a identidade profissional como

[...] maneira como os diferentes grupos no trabalho se identificam com os pares, com os chefes e com os outros grupos; a identidade no trabalho é fundada sobre representações coletivas distintas, construindo atores do sistema social empresarial (SAINSAULIEU, 1985, p. 342).

As relações de trabalho oportunizam experiências relacionais e sociais de poder. Essas experiências são importantes para a identidade. A identidade, então, é resultado de um processo relacional de investimento de si, no qual ser ator de si é um investimento que questiona o reconhecimento recíproco dos parceiros. Essas transações acontecem nas situações de trabalho, nas empresas, podendo influenciar diretamente as identidades de quem se envolve ou é envolvido nelas (SAINSAULIEU, 1985). Essas relações levam à mudanças.

Segundo o mesmo autor, a identidade no trabalho se dá também nos planos afetivo e cognitivo, porque viver sob uma estrutura institui uma espécie de mentalidade coletiva. Com essa mentalidade, o indivíduo se conforma, assimilando suas regras e normas de comportamento e criando vínculos afetivos com as pessoas com as quais convive no trabalho. Identificações por parte do indivíduo podem surgir desse processo, e elas podem conter significados distorcidos.

A identidade no trabalho determina muito o processo motivacional e participa também da construção de uma autoestima positiva. Consequentemente, a realização do trabalho e a esfera social organizacional são positivamente afetadas, podendo resultar em formas de trabalho mais criativas, que contribuem para integrar a subjetividade, a socialização e o trabalho (SAINSAULIEU, 1997).

A identidade profissional básica surge de características do mercado de trabalho, como o fato de a incerteza estar atingindo todas as faixas etárias, mulheres e homens, estudantes em qualquer nível de escolaridade, diplomados ou não –, como, por exemplo, a alta taxa de desemprego. Com o risco de exclusão do emprego estável e a demanda por criação de estratégias pessoais e de apresentação de si, não

são mais suficientes a escolha da profissão e a obtenção de diplomas. Torna-se necessária a construção pessoal de uma estratégia identitária que conjugue uma dinâmica eficiente à imagem de si, à avaliação das capacidades e à realização de desejos dos indivíduos (DUBAR, 2005).

A universidade enquanto local de trabalho oportuniza socializações e o desenvolvimento de carreira, tendo como base a atividade docente. No caso das universidades públicas, as carreiras estão mais definidas, estabelecem progressões e deixam claras as atribuições a serem desenvolvidas e os critérios de avaliação. Nelas, o foco docente está na docência, na pesquisa e na extensão, e cada um desses direcionamentos da ação docente demandam características diferentes.

A carreira docente pública envolve o empenho e o desenvolvimento individual, como também favorece a participação em questões coletivas no que tange à atuação em cargos administrativos e à participação em ações de políticas públicas e de classe.

O ensino universitário vem sendo objeto de estudo por vários motivos, entre eles: acesso de um número maior de pessoas, perfil de profissional que a universidade deve formar, indagações a respeito de como tornar o ensino superior mais eficaz e quais as tecnologias mais adequadas a ele. Poder-se-ia acrescentar o conhecimento de como têm acontecido as identificações das pessoas que têm trabalhado na atividade docente universitária e sua identificação com essa atividade.

Nesse sentido, é importante preparar esses professores universitários que vêm procurando os cursos de mestrado e doutorado com esse objetivo. As pós-graduações, hoje, visam, prioritariamente, à formação de pesquisadores, não oferecendo em sua maioria disciplinas relacionadas ao desenvolvimento de habilidades pedagógicas (GIL, 2006).

A maneira como o ensino superior está organizado no Brasil sempre privilegiou unicamente o domínio de conhecimentos e experiências profissionais como requisitos para a docência de nível superior. O modelo implantado aliado à noção de que "quem sabe, sabe ensinar" desprezava a didática do professor e voltava-se para a formação de profissionais que exerceriam determinada profissão, com disciplinas específicas.

No modelo francês, experiências e conhecimentos profissionais eram transmitidos pelo professor aos alunos que não sabiam e que faziam, depois, uma prova, referência principal da avaliação (GIL, 2006). Na universidade, o ensino de didática continuou, até a década de 1950, privilegiando os objetivos, os temas e as metodologias tipicamente escolanovista (o aluno aprende melhor por si próprio). Com base nessa proposta, o trabalho pedagógico acaba por confundir-se com o psicológico e torna-se secundário. O importante é ajudar o aluno a se conhecer, a se relacionar, a se autorrealizar (GIL, 2006).

A profissão de professor e a avaliação de seu desempenho são bastante complexas porque envolvem sua atuação em muitos papéis. Logo, caracterizar os papéis de professores universitários é sempre tarefa arriscadamente incompleta. Esses papéis tendem a se alterar frequentemente, aumentando a complexidade. Por muito tempo, o principal papel do professor era ensinar, mas hoje ele é visto como alguém que facilita e promove o aprendizado.

De forma especial, o ensino superior é tipicamente muito dinâmico, podendo os papéis dos professores universitários serem ampliados e ganharem certa complexidade. Os primeiros passos na profissão docente são os pessoais: são apaixonados e dirigidos para a missão de professor, são positivos e reais

(humanidade, empatia, respeito e justiça), e são professores-líder (afetam positivamente a vida de estudantes, pais e colegas), de acordo com Gil (2006).

Em seguida, vêm os traços relacionados aos resultados pretendidos: estão sempre alertas ao que ocorre na sala (administração e organização da classe, engajamento dos estudantes e administração do tempo); têm estilo (manifestação de estilo pessoal e único); são motivadores (confiam em sua própria habilidade para fazer a diferença na vida dos estudantes, mantendo expectativas e comportamento altos); e apresentam eficácia institucional (comunicadores competentes com habilidades essenciais).

Os últimos referem-se a vida intelectual: detêm conhecimento teórico (dominam o conteúdo e os resultados pretendidos pela escola e pela sociedade); possuem a sabedoria das ruas (conhecimentos da experiência diária, dos estudantes e da comunidade); têm muita capacidade intelectual (são metacognitivos, estratégicos, reflexivos, comunicativos e responsivos).

As abordagens voltadas para traços pessoais recebem críticas por deixarem perceber que bons professores “já nascem feitos”, mas ainda são creditadas (GIL, 2006). Desta forma, para o autor, mudanças na concepção das características do professor do ensino superior refletem as seguintes consequências: não são mais suficientes a comunicação fluente e o bom nível de conhecimentos relacionados à disciplina a lecionar e o estudante de nível superior não precisa de nada a mais de seus professores.

Muitos desses professores exercem duas atividades: a profissional de determinada área (principal) e a docente. Em sua maioria, esses professores não dispõem de preparação pedagógica e usam frequentemente as aulas expositivas, nas quais os próprios professores são a principal fonte sistemática de informações. Eles aprendem a ensinar por ensaio e erro, estimulam a memorização, avaliam por meio de provas e usam a nota como ferramenta de autoridade (GIL, 2006).

Recentemente, os professores universitários têm se conscientizado de que seu papel docente exige capacitação, própria e específica, e competência pedagógica no exercício da educação (MASETTO, 2003). Para esse autor, a prática do professor universitário se embasa em três aspectos: conhecimentos específicos relacionados à matéria, suas habilidades pedagógicas e sua motivação. Sabemos que o desenvolvimento de habilidades pedagógicas do professor universitário dá-se por cursos específicos ou por leituras individuais e que um dos fatores complicadores é que professores universitários, frequentemente, sentem-se desmotivados, porque são inibidos quanto ao uso de posturas mais criativas.

Na sala de aula, o profissional de docência deve combinar suas habilidades pessoais com as exigências do ambiente e as expectativas dos estudantes, favorecendo o aprendizado mais agradável e eficiente. Deve ter conhecimentos e habilidades relativos à didática do ensino superior (GIL, 2006). Tem-se, em grande parte, a transferência da ação educativa do ensino para a aprendizagem, e o professor torna-se um facilitador da aprendizagem (GIL, 2006). Isso tudo demanda postura e comportamentos mais identificados com a atividade que desenvolve, uma vez que suas ações vão além da simples técnica de dar aulas ou de pesquisar.

O QUE DIZEM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA?

Na perspectiva da abordagem qualitativa, este estudo trabalhou com a interpretação dos sujeitos de pesquisa sobre as suas construções identitárias profissionais. Considerando-se o critério de classificação

de pesquisa proposto por Vergara (2010), quanto aos fins esta pesquisa é descritiva, e quanto aos meios ela se caracteriza como uma pesquisa de campo.

A técnica utilizada para a coleta de dados apoiou-se em um questionário, enviado aos sujeitos selecionados como representantes dos grupos de docentes envolvidos na pesquisa, por meio eletrônico. As questões abertas foram analisadas utilizando-se o método de análise de conteúdo. As respostas foram analisadas a partir de sua frequência, organização e sentido comparado. O questionário foi formatado segundo o modelo do Google Docs. A pesquisa foi desenvolvida de forma amostral, não probabilística, selecionando profissionais que se dispuseram a responder ao questionário proposto. Logo, foi uma amostra intencional por acessibilidade.

Os sujeitos desta pesquisa são representantes de quatro grupos, considerando os momentos da carreira docente: mestrandos e doutorandos de quatro instituições, representando os entrantes; professores selecionados a partir da característica principal de terem cinco anos de docência universitária em instituição pública; profissionais com aproximadamente vinte anos de docência; e professores que se aposentaram ou estão ainda na ativa após trinta anos em instituição pública.

Esses sujeitos apresentam as seguintes características:

- grupo 1: formado por 55 respondentes que pertencem a 26 diferentes profissões e têm idade variada entre 22 e 64 anos;
- grupo 2: formado por 8 respondentes, entre 29 e 40 anos;
- grupo 3: formado por 14 respondentes, entre 36 e 60 anos;
- grupo 4: formado por 9 participantes, entre 56 e 74 anos.

Sobre a dimensão *Identificação com a atividade docente*, perguntou-se aos participantes “Quem é você?”, com o objetivo de verificar aspectos de sua percepção como docente, a partir de palavras identificadoras de sua pessoa.

À primeira vista, percebeu-se certa confusão ou dificuldade em reconhecer se as respostas se tratavam do que eles eram ou de como eles eram, Os participantes identificaram em si características, mas não papéis, fato que chama a atenção por si mesmo, dificultando percepções específicas de identidade.

Entre os papéis citados, o número foi baixo em termos de lugares básicos, estruturantes, inclusive como mulher, mãe, pai. O único participante que citou ser pai colocou essa palavra em quinto lugar (3 respondentes mencionaram a palavra mulher, 2 respondentes a palavra mãe, 2 respondentes a palavra esposa, 1 respondente a palavra pai, 1 respondente a palavra estrangeiro e 1 respondente a palavra gente)). O Quadro 1 mostra as cinco respostas de cada participante do grupo dos entrantes, para dizer quem é ele (a).

QUADRO 1 – “QUEM É VOCÊ?” – ENTRANTES

Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
“Sou uma professora muito querida pelos estudantes”	“Tenho muita paciência no ato de ensinar”	“Sou competente porque estudo muito”	“Sou muito séria e comprometida com o trabalho que realizo”	Conversador
Aprendiz	Sensata	Persistente	Calma	Observadora
Família	Responsabilidade	Dedicação	Aperfeiçoamento	Amizade

Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
Responsável	Dedicação	Otimismo	Objetividade	Persistência
Ético		Parceiro	Incentivador	Positivo
Persistente		Sonhadora	Trabalhadora	Companheira
Pontual		Flexível	Justo	Responsável
Comunicativa	Atenciosa	Preocupada	Impaciente	Inteligente
Dedicada	Consciente	Sistemática	Segura	Consciente
Altruísta	Pesquisador	Um pouco omisso	Empático	Simple
Honesto	Estrangeiro	Simpático	Educado	Paciente
Estudioso	Teimoso	Professor	Companheiro	De bem com a vida
Amizade	Capaz	Resolvido	Consciente	Pai
Mulher	Inteligente	Ambiciosa	Estudante	Aventureira
Alguém feliz	Quase realizada	Tranquila	Solidária	Às vezes radical
Amorosa	Fervorosa	Sensível	Verdadeira	Indecisa
Compromisso	Seriedade	Estudiosa	Forte	Com metas
Educador	Esforçada	Compreensiva	Responsável	Focado
Equilibrado	Estudiosa	Responsável	Ansiosa	Organizado
Estudiosa	Amigos	Humilde	Disciplinada	Presente
Gente	Esposa	Disciplinado	Correto	Perseverança
Negra	Pobre	Honesto	Perseverante	Colaboradora
Independente	Prestativo	Comprometida	Atuante	Interessado
Justiça	Determinado	Trabalho – trabalhador	Alegria	Conhecimento
Pesquisadora	Honestidade	Mãe	Professora	Professora
Professora	Professora	Guerreira	Realista	Educadora
Inovadora	Intelectual	Companheiro	Pesquisadora	Vitoriosa
Tranquilo	Perfeccionista	Controlado	Estrategista	Realizada
Profissional que busca a qualificação	Gosta da docência	Amizade	Orientadora	Desconfiado
Sistemática	Sem ambição	Consultora	Esposa	Com vontade de mudar muitas coisas no mundo
	Tento ser franca	Solidária	Idealista	Elegante
	Sou autêntica	Multidisciplinar	Gosta de fazer AMIGOS	Alguém que quer ser FELIZ
		Gosta da pesquisa	Tento ser: justa	
		Prática	Focado	
		Sou sincera	Estimulada	
		Tento ser disponível		
		Consciente		

Fonte: Dados da pesquisa.

No primeiro grupo, dos 55 participantes, 13 não responderam a essa questão. Nota-se que algumas palavras apareceram mais vezes, embora em alguns casos em posições de importância diferentes, como é o caso de *dedicado*; *responsável*; *perseverante* e *esforçado*. Não se pode definir se são aspectos

de personalidade ou necessidades mais relativas ao momento em que vivem, mas sabe-se que são entendidas como características marcantes para esse grupo. Ainda assim, pode-se refletir que, apesar de serem as mais citadas, não existe muita homogeneidade nas respostas desse grupo de respondentes.

Os participantes do grupo dos entrantes responderam questão sobre identidade docente usando expressões que podem ser organizadas nos seguintes subitens:

a) *Relativas às relações interpessoais e à personalidade* como, por exemplo: equilibrado, correto, humilde, sensata, calma, otimista, positivo, incentivador, sonhadora, idealista, altruísta, empático, simpático, educado, simples, segura, teimoso, comunicativa, atenciosa, preocupada, impaciente, resolvido, de bem com a vida, ambiciosa, aventureira, verdadeira, amorosa, fervorosa, sensível, forte, às vezes radical, compreensiva, ansiosa, indecisa, alegre, colaboradora, entre outras. Nota-se que são características importantes para o profissional, para a pessoa com dada formação profissional, mas não especificamente para a docência.

b) *Relativas mais especificamente ao trabalho* foram citadas: disponível, presente, atuante, com metas, aprendiz, competente, observadora, em aperfeiçoamento, objetivo, pontual, flexível, um pouco omisso, capaz, em busca de qualificação, gosto pela docência e pesquisa.

No grupo dos docentes com cinco anos de trabalho, as respostas para a questão “Quem é você?” estão relacionadas no Quadro 2.

QUADRO 2 - “QUEM É VOCÊ?” – DOCENTES COM CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA

Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
Amável	Lutadora	Responsável	Dedicada	Exigente
Dedicada	Comprometida	Alegria	Empreendedora	Atencioso
Envolvida	Dedicada	Amiga	Estudioso	Competente
Honestidade	Disciplinada	Disciplinada	Responsável	Confiável
Pessoa consciente	Feliz	Persistente	Generosa	Justa
Planejamento	Flexibilidade	Sociável		
Leal	Sincera			

Fonte: Dados da pesquisa.

Destaca-se, nesse quadro, terem surgido duas vezes cada uma das seguintes palavras: *dedicada*, *disciplinada*, *amiga* e *responsável*. Nota-se uma expressão diversificada, com usos de adjetivos e de substantivos. E, ainda, a repetição de algumas características, mesmo que em graus de importância diferentes, como é o caso de *dedicada*.

No grupo de professores com vinte anos de exercício, as respostas à pergunta “Quem é você?” estão relacionadas no Quadro 3.

QUADRO 3 - “QUEM É VOCÊ?” – DOCENTES COM VINTE ANOS DE EXPERIÊNCIA

Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
Profissional	Determinada	Criativa	Educadora	Ser político
Apaixonada pelo que acredita	Acredito no trabalho docente	Alegre	Alegre	Elétrica
Alegre	Apaixonada	Autônoma	Amiga	Amigo
Batalhador	Dedicado	Cidadã	Atencioso	Capacidade de gestão
Forma	Desafiador	Comprometido	Autodidata	Estudiosa
Mulher	Honesta	Compromissado	Determinado	Intolerante com bajulação
Organizada	Mãe	Cordial	Educado	Objetivo
Persistente	Organizada	Dedicado	Educadora	Persistente
Professor	Otimista	Estudioso	Gosto do convívio com pessoas	Prática
Servidor público	Pesquisador	Perfeccionista	Honesto	Ser político
Sou uma pessoa que ama a família	Mãe	Responsável	Preocupado	Tecnológico
Trabalhadora		Socializadora	Séria em meus compromissos	
Tranquila		Tímido	Sonhadora	

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse Quadro, destaca-se a repetição por duas vezes das seguintes palavras: *dedicado*, pesquisador, *cidadã* e *amigo*.

No grupo dos professores com trinta anos de trabalho, as características apresentadas em resposta à questão “Quem é você?” estão relacionadas no Quadro 4.

QUADRO 4 - “QUEM É VOCÊ?” – DOCENTES COM 30 ANOS

Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
Alegria	Sinceridade	Compromisso	Lealdade	Seriedade
Ansioso	Compreensivo	Fiel	Amigo	Refletivo
Família – membro de uma família ímpar, que me ensinou o sentido do amor	Sensibilidade	Responsabilidade	Respeito	Coerência
Humano	Curioso	Sensível	Provisório	Ativo
Persistente	Determinado	Direto	Intelectual	Comunitário
Professor	Dedicado	Pesquisador	Transparente	Desejo de progredir
Renomado	Acadêmico por vocação	Muito meticuloso no trabalho	Adoto orientandos como filhos	
Professora	Universitária	Pesquisadora	Lealdade	

Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Resposta 4	Resposta 5
Orientadora de trabalho científico	Autora	Apresentadora de trabalhos em eventos		
Ter curiosidade	Insegurança em face de problemas que dependem dos outros	Baixa resistência à frustração		

Fonte: Dados da pesquisa.

A comparação dos quatro segmentos revela um processo progressivo de interiorização do que é ser professor para os participantes desta pesquisa. Acompanhando cada segmento, é como se as características apresentadas falassem de aspectos mais externos e fossem, aos poucos, sendo internalizadas, aderindo e compondo a identidade profissional.

De acordo com a teoria analisada, é forte esse sentimento de identificação com uma profissão. Oficialmente, a atividade docente não se caracteriza como profissão, embora tenha estruturações e legalizações de carreira. Corroborando Gil (2006), muitos professores universitários trabalham em tempo apenas parcial, desenvolvendo outra atividade, vista, muitas vezes, como a principal, pelo menos em termos de dedicação e rendimentos. Nesse caso, a primeira imagem que lhes vem à mente é a da sua outra profissão.

Torna-se necessária a construção pessoal de uma estratégia identitária que conjugue a imagem de si com a avaliação das capacidades e a realização de desejos dos indivíduos (DUBAR, 2005). Isso leva a um desempenho esperado. Essa questão busca abordar a situação da imagem de si e da imagem construída pelos outros sobre si. A nota é uma forma simbólica de aprovação ou não e sinaliza aspectos de autoavaliações dos envolvidos sobre sua atuação na atividade docente. Mas a percepção individual é fundamentada em algumas justificativas que são expostas a seguir.

QUADRO 5 – PALAVRAS QUE RESUMEM AS JUSTIFICATIVAS – ENTRANTES

Expressões sugeridas em 1º lugar	Expressões sugeridas em 2º lugar	Expressões sugeridas em 3º lugar
Experiência	Metodologia	Diálogo
Insegurança	Falta de experiência	Perfeccionismo
Competente	Extrovertida	Suscetível
Aplicação prática do conteúdo	Responder a todas as perguntas dos alunos	Ter um tratamento mais humano
Bom relacionamento	Flexibilidade nas diferenças	Conhecimento mediano
Colaboração	Ajuda	Sinceridade
Comprometimento/compromisso	Ouvir sempre a necessidade do aluno	Ensinar o que eles precisam aprender para se motivarem a SER
	Estudiosa	
	Responsabilidade	Vontade
Comunicativo	Atencioso	Calmo
Conhecimento	Comprometimento	Dedicação
Dedicação	Confiança	Incentivo

Expressões sugeridas em 1º lugar	Expressões sugeridas em 2º lugar	Expressões sugeridas em 3º lugar
	Empatia	Qualidade
	Organização	Conhecimento
	Preparo pessoal e de aulas	Relacionamento
	Respeito	Presença
	Capacitação	Experiência
Inexperiência		Empatia
	Alegre	Disposto
	Inovadora	Didática
Disponível	Solícita e educada	Clareza na apresentação de ideias e orientações atualizadas
Eterna aprendiz	Apenas incentivadora do autoaprendizado	Mais pesquisadora do que professora
Falar mais devagar	Expor melhor as ideias	
	Maior dedicação	Conhecimentos metodológicos
Formação	Didática	Organização
	Falta de prática	Influência organizacional
	Imaturo	Afoito
Oratória	Autocontrole	Nervosismo
Perfeição	Aprendizado	Humildade
Pontualidade	Comprometimento	Flexibilidade
Procuro ser educadora		
Qualificada		Compromissada
Responsabilidade	Conhecimento	Bom relacionamento
Sempre preciso melhorar		

Fonte: Dados da pesquisa.

Algumas expressões ainda podem ser exemplificadas neste primeiro grupo:

“As atividades administrativas na instituição comprometem o meu desempenho como professor” (respondente 37).

“Levo a sério os meus alunos, muito” (respondente 13).

“Somos seres incompletos, em constante formação” (respondente 44).

“Aluno nunca está satisfeito” (respondente 8).

“Somos incapazes de agradar a todos. O aprendizado é diferente para cada um. Considero a nota uma relação boa” (respondente 18).

Algumas das expressões como dedicação, inexperiência, conhecimento, comprometimento sobressaíram. Entre outros aspectos que podem ser percebidos nas expressões usadas por esse grupo, nota-se uma sensação de começo. Alguns sentimentos de docentes entrantes como anseio por conhecimentos metodológicos, afoito, nervosismo e insegurança, nesse caso, podem ser interpretadas como características pessoais, mas, como foram citadas por mestrandos e doutorandos, podem ser também entendidas como insegurança de iniciantes.

Ao justificarem as notas atribuídas, os respondentes apresentaram várias expressões representativas de comportamentos e sentimentos: dedicação, responsabilidade, comprometimento, pontualidade, envolvimento e falta de experiência, entre outras, voltadas para o desempenho docente.

Relativamente ao desempenho docente, predominaram conhecimento, falta de experiência, organização, didática, metodologia e aprendizado, como pode ser confirmado nas expressões

“Perspectiva de ser uma eterna aprendiz” (respondente 15).

“Considerar-se apenas incentivadora do autoaprendizado” (respondente 19).

“Sentir-se mais pesquisadora do que professora” (respondente 23).

Alguns problemas foram citados quanto à qualidade no preparo pessoal e das aulas e na capacitação: a falta de prática, de influência organizacional, de conhecimentos metodológicos e de oratória. A falta de valores também foi mencionada e, nesse espaço, algumas necessidades foram apontadas:

“Ensinar o que eles precisam aprender para se motivarem a SER” (respondente 22).

“Investimento em formação. Aplicação prática do conteúdo. Responder todas as perguntas dos alunos” (respondente 34).

“Ter um tratamento mais humano” (respondente 46).

“Ter experiência. Ter clareza na apresentação de ideias e orientações. Ser atualizada. Falar mais devagar e expor melhor as ideias” (respondente 49).

“Ter atenção ao fato de o aprendizado ser diferente para cada um” (respondente 50).

Alguns desses exemplos estão voltados para a questão do início de carreira, são os entrantes ainda sem experiência na atividade docente. Alguns deles mostram uma preocupação com diferenças percebidas em relação ao comprometimento e à seriedade no enfrentamento da profissão. Outros refletem dificuldades pessoais e receios mais relacionados à própria conduta do professor.

Das respostas dadas pelo grupo de docentes com cinco anos, nota-se que as palavras e expressões citadas exemplificam e caracterizam as respostas relativas à docência e combinam bem com o grupo dos mestrandos e doutorandos. Eles falaram de suas inseguranças, de suas preocupações e de seus tateios em relação ao enfrentamento dos problemas práticos da vida do professor universitário hoje. Lançaram algumas perspectivas, como o diálogo, a comunicação e as posturas calmas, responsáveis e maduras como apoios para as dificuldades apresentadas. As justificativas são apresentadas no Quadro 6.

QUADRO 6 – PALAVRAS QUE RESUMEM AS JUSTIFICATIVAS – DOCENTES COM CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA

Palavras citadas em 1º lugar	Palavras citadas em 2º lugar	Palavras citadas em 3º lugar
Capacidade	Amigo	Cumprimento do programa
Dedicado	Comprometimento	Estudar mais
Formalizar mais	Diferenciar mais os alunos	Interesso-me pela correlação entre o que ele vive e os conteúdos tratados em sala de aula
Interesso-me pelo aluno	Domínio do conteúdo	Responsabilidade
Preparação das aulas	Interesso-me por seu aprendizado	Responsável
Tenho muito a aprender	Tenho pouco tempo de carreira	Tenho muito ainda para aprender didaticamente

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme analisado no grupo dos entrantes, observam-se expressões relativas ao trabalho e outras relativas ao comportamento. Os aspectos que refletiam a insegurança e a “entrada” são, aos poucos, no grupo dos professores com cinco anos de exercício, substituídos por outros termos, como *amizade, interesse pelo aprendizado do aluno e relação entre o conteúdo e a vida*. Mantêm-se os aspectos comportamentais de responsabilidade, de dedicação, de comprometimento e de estudar mais, por exemplo.

**QUADRO 7 – PALAVRAS QUE RESUMEM AS JUSTIFICATIVAS –
DOCENTES COM VINTE ANOS DE EXPERIÊNCIA**

Justificativa 1	Justificativa 2	Justificativa 3
Aprender sempre	Compromissado	Compromisso
Bom relacionamento com alunos	Compromisso	Criativa
Compromisso	Conhecimento	Depende de competência do aluno para acompanhar a disciplina
Conhecimento	Depende de objetivos do aluno	Ética
Dedicação	Desenvolvimento	Experiente
Dedicado	Honesto	Investimento
Dedicado	Organizada	Jogo de cintura
Depende de comprometimento do aluno	Organizada	Justo
Esforço pessoal, apesar do sistema	Organizada	Realizado
Não possuo experiência profissional no mercado	Paciência	Relacionamento
Práxis	Responsabilidade	
Realização	Seriedade	

Fonte: Dados da pesquisa.

A expressão abaixo exemplifica tal situação e nota-se certa ênfase em aspectos comportamentais do docente e do aluno e nos aspectos relacionais.

“Eu somente saberia reconhecer um bom professor alguns anos depois de ter sido seu aluno. É difícil dar uma boa nota para quem te faz trabalhar muito acima da média dos demais professores” (respondente 12).

As justificativas para os docentes com mais tempo de exercício profissional são apresentadas no Quadro 8.

QUADRO 8 - PALAVRAS QUE RESUMEM AS JUSTIFICATIVAS – TRINTA ANOS DE EXPERIÊNCIA

Justificativa 1	Justificativa 2	Justificativa 3
Competência	Didática	Justiça
Comprometido	Falho	Paradoxal
Dedicação	Conhecimento	Didática
Determinado	Empreendedor	Criativo
Inovação	Organização	Autodidatismo
Interesse		Compromisso
Mobilizo os alunos		
Prestativo	Facilitador de contatos	Cuidado com as necessidades individuais
Sonho	Realização	Necessidade financeira

Nota-se uma ênfase dividida entre as questões do trabalho e as questões comportamentais. Merece atenção a situação de necessidade financeira, como dado de realidade da vida pessoal do profissional entrevistado, aspecto característico dos participantes desse segmento.

Em termos de realização pessoal/profissional como profissional da carreira docente universitária, 23% dos participantes do primeiro grupo sentem-se felizes, 19%, motivados, 16%, animados, 14%, preocupados, 12%, identificados, 9%, preparados, predominantemente. Dos 55 respondentes, 6% não responderam a essa pergunta.

Por pertencerem, a maioria dos respondentes, ao grupo de iniciantes, poder-se-ia falar de muitos desses participantes como felizes e motivados pela escolha, ou pela experiência em um departamento ou como professor orientador, ou ainda pela perspectiva de se ter uma atividade profissional melhor e não tanto pela experiência docente efetiva. Observa-se que a maioria dos respondentes que escolheram a opção “feliz” também marcou a alternativa “preocupado”, ou a opção “despreparados”, algo que remete à insegurança e a perspectivas menos tranquilas de vida profissional.

TABELA 1 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À ESCOLHA PELA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Resposta	Entrantes nº abs.	%	DU cinco anos nº abs.	%	DU vinte anos nº abs.	%	DU trinta anos nº abs.	%
Feliz	12	23	2	25	3	36	4	33
Animado	10	18	1	12	2	14	2	22
Preocupado	8	14	1	12	3	21	2	22
Motivado	10	19	2	25	2	14	3	33
Insatisfeito	1	2					1	11
Decepcionado	2	4						
Realizado			1	12	4	28	4	11
Sentindo-se identificado	8	14	2	25	6	42	3	33
Sentindo-se despreparado	1	1						
Sentindo-se preparado	3	8	1	12	3	21	4	44
Na expectativa que a negociação com o governo estruture a carreira			1	12				
Estamos muito mal pagos					2	14		
Outro	1	14						

Fonte: Dados da pesquisa.

No grupo dos professores com cinco anos de trabalho, nota-se a ênfase no sentimento de felicidade em relação à atividade escolhida, mas eles não se esquecem de trazer a preocupação e as expectativas em relação a novas e melhores perspectivas para a carreira docente universitária. No grupo dos professores com vinte anos de exercício, nota-se também a tônica de felicidade pela atividade escolhida, mas aliada a preocupações e a reclamações acerca dos baixos salários. Um grupo maior de docentes incluiu a opção

“Sentindo-se preparado”, diferentemente dos grupos anteriores, nos quais é percebida uma parcela de insegurança e de necessidade de mais preparo. Em relação ao grupo de docentes com trinta anos de exercício, são mais fortes as percepções de felicidade, praticamente citada por todos, que escolheram as opções: “motivado(a)”, “preparado(a)”, “identificado(a)” e “realizado(a)”. Um deles mencionou a palavra preocupação.

Considerando os quatro segmentos, percebe-se que o docente universitário participante desta pesquisa é um profissional feliz com a sua escolha, realizado e motivado, que dá importância ao preparo profissional e que tem preocupações em relação à carreira. O que muda de um grupo para outro são as proporções de respondentes que apresentam determinado sentimento, mas não o perfil em si.

O perfil do docente universitário teve, nos quatro grupos, várias características coincidentes. Os dados desta pesquisa mostram a grande importância atribuída às competências relacionais e de comportamento, reforçando valores pessoais. Por essa ótica, um docente deve ter em seu perfil, caráter, ética e bom relacionamento, porque essas características fazem diferença para o melhor desempenho do professor e integram os fatores identitários. Elas são relevantes e decisivas para o desenvolvimento profissional.

A seguir, buscaremos caracterizar a atividade docente em si. Quando solicitados a diferenciar as características do professor e do educador e, ainda, aquelas que se referiam aos dois, os entrantes usaram várias frases descritas no questionário para fazer as identificações. Foi pela diferença de vezes que cada frase apareceu para o professor, para o educador ou para ambos que foi possível avaliar as predominâncias.

Nota-se uma diferença sensível entre as pessoas desse grupo. Algumas têm uma visão bem concreta de professor com base nos aspectos legais de regulamentação da profissão, com tarefas específicas a serem cumpridas, com um tom de “desconfiança” das intenções dos alunos e uma necessidade de manter a distância e a autoridade em relação a eles. De outro lado, alguns respondentes deixam bem clara a ideia do educador ser alguém também responsável pela formação dos alunos, na perspectiva de cidadania, de pessoa, usando para isso de seu papel de “modelo”, sendo um formador de pessoas para além de formador de técnicos em determinada área. Essas percepções correspondem a uma identidade projetada dos papéis de professor e de educador para o docente universitário.

No grupo pesquisado, as características pessoais e de docente universitário favoreceram a montagem de um paralelo que está apresentado na Tabela 5.

TABELA 5 - COMPARAÇÃO ENTRE A IDENTIDADE DO PARTICIPANTE E A IDENTIDADE DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO NA PERCEPÇÃO DOS PESQUISADOS

Palavras	Quem é você?				Característica do docente			
	Iniciantes	Até 5 anos	Até 20 anos	30 ou mais	Iniciantes	Até 5 anos	Até 20 anos	30 ou mais
Responsável	14	2	1	-	3	-	1	-
Persistente	8	3	-	-	1	-	-	1
Dedicado	7	6	2	1	10	2	1	-
Companheiro	6	-	2	1	-	-	-	-
Pesquisador	5	-	2	2	9	2	1	2

Amigo	5	2	3	1	4	-	1	-
Professor	5	1	1	1	1	1	-	-
Persistente	4	1	2	1	1	-	-	-
Estudioso	4	1	2		6	3	3	1
Comprometido	4	1	3	-	8	1	3	1
Esforçado	3	-	-	-	3	1	-	-
Honesto	3	-	2	-	2	-	-	-
Educador	2	-	3	-	7	2	1	-
Disciplinado	2	3	-	-	1	-	-	-
Organizado	2	-	2	-	2	-	1	-
Compreensivo	1	-	-	1	-	-	-	-
Sonhador	1	-	1	-	1	-	-	-
Conhecimento	1	-	-	-	4	-	1	-
Aprendiz	1	-	-	-	-	2		2
Relacionamento	-	-	-	-	2	3	1	1
Articulador	-	-	-	-	4	-	-	-
Total	78	20	26	8	63	14	13	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Na visão dos respondentes, as características citadas por eles sobre quem são compõem o perfil necessário para o professor universitário. Mas, se analisadas mais detalhadamente, um perfil de docente universitário público, hoje, não se completa com as características percebidas pelos participantes neles mesmos. Mudanças na carreira docente e nas demandas sobre os profissionais da docência pulverizaram e diversificaram as características definidoras do professor universitário. Pode-se considerar que o quadro percebido nesse tópico da pesquisa representa um profissional em transição, até porque nele estão gerações diferentes de profissionais do ensino superior. E é esse o momento revelado pelas respostas relativas à docência do ensino superior.

No caso dos grupos de professores com trinta anos e vinte anos de trabalho, eles vivenciaram toda a transição e muitos deles ainda estão trabalhando, sujeitos a novas mudanças. Para quem entrou para a carreira dentro de um modelo mais tradicional, os ajustes forçosamente tiveram que acontecer em larga escala no âmbito individual para acompanhar as novas exigências e, mais, sem terem tempo de preparo, tiveram que mudar durante o exercício da atividade.

Se existem questões de ordem material, como as baixas salariais e as questões administrativas relativas ao ambiente universitário, essas são lutas a serem empreendidas pela classe, como uma carreira ainda em construção. Isso, no entanto, não diminui ou tira o significado e a influência do professor universitário para os alunos, que podem até “não quererem nada com o estudo”.

No grupo dos docentes com trinta anos, foi ainda solicitado que deixassem uma pergunta, uma questão sugestiva para debate ou reflexão sobre a docência universitária. Assim, finalizando o perfil docente

universitário e considerando a experiência do grupo mais velho desta pesquisa, deve-se dar atenção a alguns aspectos da docência universitária hoje. Essas contribuições guiarão as análises finais.

Diante dessa realidade e buscando as reflexões de Maia (2003), uma forte contribuição seria a iniciativa coletiva de lutar pelos direitos e pelas estruturações de carreira. Se o docente universitário fosse mais bem valorizado, os reflexos disso seriam um progresso do conhecimento e mais seriedade também do cliente da universidade, seja ela pública ou paga. Isso porque o aluno não deveria ter a sua vaga de universitário baseada na noção de quanto vale a aula daquele professor ou quanto é o salário do professor, porque esse deveria, sim, ser um salário, pelo menos, justo! Mas quanto esse professor contribui para a ampliação do conhecimento? E quanto dessa ampliação tem ou pode ter a minha participação como aluno? O sentido seria, então, de uma universidade como local de construção do conhecimento e visto de forma ampla, sendo o aluno e o professor partes de uma grande estrutura, a universidade, e não números de uma faculdade específica.

“É um ambiente de baixa autocrítica e muita vaidade, uma calamidade. Há apenas alguns professores que realmente merecem o título de PROFESSOR” (respondente 8).

As circunstâncias a que chegaram as universidades em termos de estrutura e de possibilidades oferecidas aos professores e aos alunos deixam de lado o foco que é o crescimento do saber, das pessoas e da instituição. Enfatizam aspectos periféricos, que se tornam essenciais à dinâmica universitária. As pessoas que ocupam os cargos prendem-se, muitas vezes, a uma valorização e a uma competição que se tornam um fim em si mesmas. Um exemplo desse desvio são os conflitos interpessoais que tanto desgastam o dia a dia universitário.

“Excelência das práticas acadêmicas e ampliação do conhecimento científico, buscando sempre a inovação e o contexto criativo das práticas profissionais para viabilizar a formação do aluno e as necessidades do mercado sustentável” (respondente 3).

Destacam-se as palavras excelência, conseguida mediante qualidade e identificação, aspectos intimamente ligados; a palavra ampliação, do conhecimento científico com inovação – missão primeira da escola, especialmente a de nível superior –; a criatividade, nas práticas profissionais (atenção dada à tarefa do professor, seja como pesquisador ou como profissional de magistério). A criatividade está relacionada também às leituras dos diversos contextos, para ser possível atuar de forma mais adequada, sem padronizações ou repetições maquinais. Distingue-se ainda a palavra viabilizar relacionada à formação do aluno, pois quem está se formando é o aluno, apesar de nesse processo o professor também se desenvolver. E por último, a palavra ver, isto é, olhar para o profissional de docência como alguém que acompanha as mudanças e pode contribuir para melhorar as realidades física e emocional. Em relação ao objetivo proposto neste artigo, pode-se afirmar que a construção deve-se mais às características pessoais, às oportunidades, às influências e à formação acadêmica. Mas, diante de várias situações da vida, as oportunidades acabam guiando as próprias carreiras e os investimentos pró-melhoramentos na profissão. Até mesmo para as escolhas profissionais, as pessoas encontram uma forte determinação das influências e das oportunidades, distanciando-se progressivamente da perspectiva de carreira planejada.

As características do professor universitário apontadas não diferem muito de um segmento para outro, deixando claro que mudaram os contextos, e, por isso, as características identificadoras do professor estão em transição. Ou, visto por outra ótica, a identidade do docente universitário está em metamorfose, mas não está completa e dificilmente o estará, porque é dinâmica. Sobre o perfil do docente, a partir dos dados desta pesquisa, além dessa premissa, acrescenta-se que os próprios docentes têm diferenças

sensíveis em suas identidades, porque são profissionais de áreas diferentes e não se fazem idênticos pelo fato de exercerem a docência. Se a carreira docente caminhar para uma melhor estruturação, se houver uma profissionalização efetiva da carreira docente universitária, a definição do perfil do docente poderá ser mais reconhecida institucionalmente. Mas, nas atuais circunstâncias, as tendências percebidas são as pessoas buscarem seguir as oportunidades que mais as favorecem no momento e conjugá-las, na medida do possível, com o que elas são. As carreiras são mais de cada indivíduo que se constituem exemplos de carreira docente.

Nesse processo, não se tem ainda um “quem” é o docente universitário, mas “como” é o docente universitário. Ele se constrói e se reconstrói permanentemente como pessoa e como profissional.

“Discutir o papel do docente/educador neste momento histórico de grandes mudanças sociais e de grandes avanços científico-tecnológicos, que exigem, além do permanente aprimoramento profissional, uma ampla abordagem de temas voltados para a ética profissional e a bioética. A discussão de novas metodologias de ensino também deve ser aprofundada, pois vivemos novos tempos. Estamos vivenciando a reforma curricular de vários cursos, mas nenhuma delas será mais relevante que a nossa própria revisão de visão de mundo e preservação de valores, redescobrimo o papel de cada um na construção de um mundo sempre em evolução” (respondente 7).

O papel do professor como estimulador de estruturação de visões de mundo e de vida pela força da construção do conhecimento é algo que combina com as características desse tempo, que apresenta o mundo de forma multivariada, mas que não acontece ao acaso. Professor e aluno deveriam ser lugares simultâneos e mútuos, e não competitivos cada um e entre si. A identidade não se forma nem em um lugar nem em outro, mas na relação. Só serão construídas identidades profissionais de fato quando esses papéis forem assumidos.

A pesquisa nos processos de formação e atuação dos professores é uma condição da docência. A isso se agrega o reconhecimento social, o imaginário do professor e a sua valorização salarial. “O que significa ser docente universitário para você?; “Ser docente universitário foi sempre assim, nos últimos 35 anos?; “O que é ser docente nos anos 60, 70 e 80?; “E hoje?; “O fato de estarmos em greve pode interferir nas minhas respostas?; “Tudo de bom no seu percurso. Seja qual for o ponto de chegada que ele seja um bom ponto para uma nova jornada (respondente 6).

Essas palavras resumem, de alguma maneira, o próprio papel do docente, colocando a pesquisa como condição, não legal, mas a ser usada para a ampliação do conhecimento citado anteriormente. A pesquisa deve ser desenvolvida por alguém que tenha uma boa autoestima, favorecida por um reconhecimento social e por um salário digno, essenciais para uma identidade profissional. O que significa ser docente universitário para você? Tal pergunta só tem sentido se a resposta for útil para alguém ou alguma situação. Ser docente universitário foi sempre assim? Esta questão leva a uma constante mudança, acompanhando as diferenças do contexto histórico, social, geográfico e econômico. Enfim, uma atuação com bases em valores firmes e objetivos ajustáveis. O compromisso político é proposto com a pergunta: “O fato de estarmos em greve pode interferir nas minhas respostas?” (o questionário foi aplicado em período de greve dos professores), e com a postura de crescimento do outro, por meio do desejo de coisas boas, independente do ponto de chegada. Lembrando Guimarães Rosa, vale mais a caminhada que propriamente aonde se chega. A mola mestra de toda atuação docente é o fato de que a cada conquista abrem-se novas perspectivas desafiadoras. O processo é dinâmico e contínuo, nem sempre com resultados visíveis pelo que possibilitou.

QUE SEJAM CONSIDERAÇÕES INICIAIS...

A identidade profissional é uma construção subjetiva, que tem como elementos básicos as características do indivíduo e as características de uma determinada atividade de trabalho. Para que isso aconteça, o ambiente de trabalho deve ser entendido como algo resultante dos compartilhamentos que se dão nas interações humanas. Nele deve haver uma sintonia forte e consciente do trabalhador com os objetivos e os valores da profissão ou atividade desenvolvida. Individualmente, a identidade é um importante fator da realidade subjetiva, na qual o indivíduo é produto e produtor de sua carreira.

Carreira e identidade profissional são, ambas, construídas a partir das experiências vividas no trabalho e das circunstâncias sociopolíticas e históricas que formam seu contexto.

O perfil dos professores que escolheram trabalhar com a atividade docente universitária mudou. Se antes o foco era mais no magistério, na sala de aula, nas relações com os alunos e no acompanhamento do desenvolvimento de sua formação acadêmica, hoje, a base da atividade envolve a pesquisa e as produções escritas. As reflexões sobre o papel efetivo do docente universitário, segundo a amostra pesquisada, não são trazidas aos debates, abrindo espaço para que, aos poucos, reforçadas pelos critérios avaliativos atuais, sejam preponderantes as tipificações do pesquisador. Também não se oportuniza a real mudança do papel do aluno como aquele que pesquisa junto com o docente, por exemplo. Em muitos relatos sobre as influências para a escolha pela carreira docente, notou-se que a participação em projetos de iniciação científica foi forte instrumento mobilizador. Entretanto, em muitos casos evidenciados nas falas dos participantes, as ajudas dos bolsistas prendiam-se mais à execução de uma função de secretariado ou de um secretariado "executivo". Alguns mencionaram a palavra escravo, o que representa que a tarefa foi desenvolvida praticamente pelo estudante, que tem nesta pesquisa um papel operacional, pois realiza as atividades mais demoradas ou mecânicas, bem como a função de planejar e concluir, compartilhando a autoria com o professor da disciplina.

Os professores pesquisados gostam da docência e se sentem identificados, em todos os segmentos, com a atividade profissional. Mas algumas diferenças devem ser destacadas: no grupo dos entrantes, a docência não é suficiente para que eles se sintam realizados, o que pode ser confirmado pelo número de respostas que demonstram a disposição dos mestrandos e doutorandos a se dedicarem à docência ou conjugá-la com outra atividade. Esse último dado, mais forte no grupo dos entrantes, reflete uma identidade profissional menos focada, na qual os indivíduos mostram-se atentos a novas oportunidades, abertos a reconstruções e sem a visão de uma escolha feita de modo definitivo na vida. Essa perspectiva de carreira liga-se bem ao conceito de carreira proteana (HALL, 1996), na qual o foco é a adaptação às novas circunstâncias. Notam-se uma intencionalidade e uma busca de realização por meio de uma atividade profissional docente mais definida no grupo dos professores com mais tempo de experiência, diminuindo esse sentido à medida que se tomam os grupos pesquisados mais jovens. Fica clara, assim, a mudança no perfil do profissional de docência superior: os entrantes não têm as mesmas características, nem os mesmos objetivos, nem as mesmas pretensões dos docentes de vinte anos atrás. Conseqüentemente, seus investimentos na carreira também serão diferenciados. Se aqueles que entram hoje não se envolvem com a carreira como opção, também a carreira docente deveria moldar-se a esse novo profissional, e vice-versa. Durante as leituras das respostas dos participantes desta pesquisa surgiram algumas reflexões que podem ser trazidas como futuras questões de pesquisa ou iniciadoras de novos temas, por exemplo: Será que a docência passará a ser um refugio de profissionais em processo de decisão do que pretendem fazer? Ou um local de transição e crescimento na área escolhida para permitir que o profissional se prepare

melhor para o mercado de trabalho? Ou uma oportunidade de reposição do que não foi suficientemente aprendido na graduação (foi citado que o aluno “não quer nada”!). Ou, ainda, uma oportunidade de fazer as pós-graduações em condições melhores que os profissionais em atuação no mercado de trabalho (foi citada a oportunidade de viagens e conhecer outras culturas), como é o caso de muitos mestrandos e doutorandos? Ou será que a carreira docente tende a se tornar opção de pessoas mais conscientes e identificadas com as atividades a serem desenvolvidas? Aqui ficam mais sugestões significativas para o avanço da pesquisa nesta área, depois destes resultados.

Na percepção dos professores pesquisados, eles se acham felizes na profissão, quando considerados na sua grande maioria. Os professores do primeiro grupo reforçam estar animados, entusiasmados, enquanto nos outros grupos o tom de preocupação se destaca mais. A interpretação de felicidade é bem subjetiva, mas aqui tender-se-á a relacioná-la a realização, pelos dados vistos nesta pesquisa. Voltando às análises anteriores, embora todos os conflitos e todas as insatisfações, as pessoas da área docente se sentem felizes. Poder-se-ia questionar então: se os alunos não estão dispostos a aprender, como relatado, se as condições do trabalho e da carreira não atendem às necessidades e se as recompensas são insuficientes, qual é o conceito de felicidade desse profissional? Em algumas respostas, percebeu-se que é muito difícil manter a motivação quando se tem toda uma dedicação no preparo das aulas, quando se gosta do conteúdo ministrado e quando se investiu para estar no lugar de professor universitário, mas o aluno não se interessa e o salário não compensa... Pelos dados desta pesquisa, não se tem clareza de onde vem essa felicidade, podendo também esse ponto ser objeto de pesquisas futuras, uma vez que essas ambiguidades perduram já por muito tempo.

As conclusões desta pesquisa podem contribuir para processos futuros de reestruturações da carreira docente, com vistas a uma maior coerência entre o tipo de profissional que atua na docência e as atribuições que tipificam essa atividade. Se o professor universitário deve ser um educador, como constatado nesta pesquisa, e se a educação é processo de formação mais que de informação, confirma-se a importância de incrementar a consciência das construções e reconstruções de identidades profissionais em suas trajetórias de carreira.

REFERÊNCIAS

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1996.

DAVEL, E.; MACHADO, H. V. A dinâmica entre liderança e identificação: sobre a influência consentida nas organizações contemporâneas. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 5, n. 3, p. 107-126, 2001.

DUBAR, C. *A Socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIL, A. C. *Didática do ensino superior*. São Paulo: Atlas, 2006.

HALL, D. T. Preface. In: _____. *The career is dead – long live the career*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1996.

MAIA, A. C. N. *APUBH: 20 anos – História oral do movimento docente da UFMG*. 2. ed. Belo Horizonte: APUBH, 2003.

MASETTO, M. T. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

MOTTA, P. R. Reflexões sobre a customização das carreiras gerenciais: a individualidade e a competitividade contemporâneas. In: BALASSIANO, M.; COSTA, I. de S. A (Org.). *Gestão de carreiras – dilemas e perspectivas*. São Paulo: Atlas, 2006.

SAINSAULIEU, R. *L'identité au travail*. 2. ed. Paris: Presses de La FNSP, 1985.

SAINSAULIEU, R. *Sociologia da empresa. Organização, cultura e desenvolvimento*. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 530p. (Título original: *Sociologie de L'entreprise*.)

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2010.